

Literatura e psicanálise: decorrências do amor em Dom Casmurro

Magda Graziella Martins¹

Roberta Giacobone²

RESUMO

Este artigo trata das interfaces do amor a partir da obra Dom Casmurro, de Machado de Assis. Uma obra literária, como produção cultural, traz aspectos referentes a sua época. Contudo, os processos inconscientes são atemporais. Nessa interface entre clínica e cultura, observa-se Bento Santiago, protagonista da narrativa machadiana, sob a ótica psicanalítica. Prioriza-se sua relação com a mãe e a passagem ao amor possessivo e dominador que vivera por Capitu. Trata-se o tema do amor em suas intersecções nos diferentes cenários sociais, em tempos diversos.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Édipo. Amor.

1 DOM CASMURRO: UM CLÁSSICO DA LITERATURA BRASILEIRA

Dom Casmurro, de Machado de Assis, é uma obra clássica da literatura brasileira publicada em 1899, em pleno Realismo – período literário em que o princípio norteador era a realidade. Como personagem principal da narrativa, tem-se Bento Santiago, o personagem narrador da história que escreve sobre suas

1 Graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela FAPA. Especialista em Língua Portuguesa e Linguística, Assessoria Linguística Revisão Textual (FAPA) e Psicanálise e a Contemporaneidade (UNIRITTER). Docente no Colégio Farroupilha desde 2007 e corretora da redação do vestibular da UFRGS desde 2008.

2 Psicanalista, Membro Efetivo do CEPdePA, Mestre em Psicologia Clínica, Docente no curso de Pós-Graduação Psicanálise e Subjetividade UniRitter.

reminiscências da juventude, sua curta presença no seminário, seu caso com Capitu e o ciúme que advém desse relacionamento, que se torna o enredo central da trama, uma trama de enlaces e de desenlaces, de drama, de tensão e de uma carga psicológica interessante.

O período literário em que a obra escolhida para a análise foi produzida é o Realismo. Nesse período, deixou-se de lado todo o romantismo e a valorização do amor como subjetivo e passou-se a ter a realidade do século XIX retratada de forma concreta e fiel. E é no Realismo que o homem deixou de ser idealizado para assumir o lugar de quem trabalha e luta para sair de uma condição medíocre. A contemporaneidade é um atributo dos autores do Realismo que se preocupavam com o momento histórico, com o contexto político e econômico da época.

Com uma linguagem simples, direta, clara e objetiva, Machado de Assis, no Brasil, a exemplo de Gustave Flaubert, na França, segue o caminho do retrato leal das pessoas da época. Uma das funções desse realismo é combater e criticar as instituições sociais decadentes, como o casamento, por exemplo. E, em *Dom Casmurro*, romance do final do século XIX, vê-se o fracasso do casamento quando dominado pelo olhar neurótico de um dos componentes, no caso Bento Santiago. Esse é um bom exemplo de investigação do comportamento humano, de personagem não idealizado e de aprofundamento psicológico, mostrando, na escrita literária, vertentes e conceitos psicanalíticos. Machado de Assis é um especialista nas análises do comportamento humano, mas, principalmente, do aspecto psicológico, pois relata ações, emoções, expressões comuns às pessoas. E, ao dissecar as intimidades, o autor prende o leitor e o faz participar dos enredos, envolver-se e identificar-se com os personagens.

Em *Dom Casmurro*, tem-se o binômio “culpa e perdão” inculcado nos personagens principais. Nesse sentido, Machado, a exemplo de Flaubert, autor da obra *Madame Bovary* e seu contemporâneo, retrata por meio da figura feminina a questão da sexualidade – a mulher que procura o direito de amar, de sentir prazer e de ter autonomia nesse processo, sem a voz masculina demonstrando a autoridade. Machado expõe Capitu como uma personagem forte, força intrinsecamente relacionada à sedução, à sexualidade representada pelo feminino, ou seja, mulher impulsionada pelo desejo; no entanto, reprimida por um homem

que parece vê-la como um objeto a ser possuído – retrato do século XIX, o que pode parecer contrapor-se a representação da mulher contemporânea – autônoma, independente e livre, embora ainda seja julgada e dominada pelo olhar do outro, sendo que o outro, nesse aspecto, é a sociedade com ideais machistas que estabelece e cobra padrões e os exige quase que como uma regra de “formatação”.

Quando foi lançada, a obra era vista como o relato inquestionável de uma situação de adultério, do ponto de vista do marido. Depois dos anos 1960, quando questões relativas aos direitos da mulher assumiram importância maior em todo o mundo, surgiram interpretações que indicavam outra possibilidade: a de que a narrativa pudesse ser expressão de um ciúme doentio, que cega o narrador e o faz conceber uma situação imaginária de traição. Entretanto, há uma discussão em torno da obra que alimenta os espíritos mais inflamados: Capitu traiu ou não seu marido? O romance parece até um clichê nos dias de hoje, mas a história é clássica: um homem de posses que ama uma moça pobre e esperta e se casa com ela. Em sua velhice, ele escreve um romance de memórias para compreender melhor a vida.

2 DOM CASMURRO: APORTES PSICANALÍTICOS

Dom Casmurro é um romance que aborda em seu enredo os desafios da alma humana, a posição de apaixonamento e seus desdobramentos na subjetividade. Essa obra é contemporânea às primeiras publicações psicanalíticas freudianas. Por serem autores contemporâneos, Freud e Machado, talvez fosse possível considerar que ambos se influenciaram por autores e ideais de sua época, que tinham algo de revolucionário e livre ao pensar no amor, por exemplo; rompiam, interrogavam e tornavam, como objeto do seu trabalho, os ideais morais e o tema da sexualidade humana. Contudo, julga-se importante salientar que Freud revolucionou a temática da sexualidade, fundando uma concepção singular e sem precedentes, sendo este um dos conceitos-chave de sua nova ciência - e assim diferenciando-se de Machado de Assis.

No início da obra, tem-se a frase “Bentinho há de satisfazer os desejos de sua mãe”. Nota-se ainda, no capítulo que recebe como título o nome da mãe do

personagem principal “D. Glória”, a descrição que o narrador faz dos pais, colocando o pai como um homem estranho, distante, machista, orgulhoso e pouco afetivo com o filho; a mãe como uma mulher bonita, afetiva, cuidadosa e apaixonada pelo pai. O narrador então já expõe seu sentimento: “São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: ‘Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!’. O de meu pai, olhando para a gente, faz este comentário: ‘Vejam como esta moça me quer’” (ASSIS, 2002, p. 22).

Nesse cenário familiar, percebemos a triangulação edípica por meio da presença de um terceiro elemento, ou seja, “o pai” na relação dual mãe/filho/a, interrogando uma relação de aceitação e um amor incondicional. Essa sensação é proveniente de uma relação imaginária, uma miragem de completude e suficiência. A operação produzida pela entrada do significante paterno, o nome-do-pai, no reduto da mãe, pode ser pensada como a manifestação do complexo de Édipo.

Esse complexo universal que, para a psicanálise, atinge todos os seres humanos, consiste na aversão ao pai, mas também no amor ao pai, que indica um caminho para o devir da masculinidade. Todavia, apesar de não aparentar rancor em relação ao pai que já era falecido, Bentinho demonstra uma afeição cega pela mãe: obedece-a, na maior parte das vezes, sem contestar, fica feliz ao ouvir os outros elogiarem-na, e, quando ela morre, Bentinho explica o epitáfio que escolheu ao vigário, praticamente elevando-a a uma posição santa. Não há como questionar a existência de uma adoração por parte do Bentinho à figura materna, que pode ter levado a uma natural descrença nas outras mulheres: nenhuma teria tanta credibilidade quanto sua mãe, nem mesmo Capitu.

Na fase diática, a criança relaciona-se somente com uma pessoa por vez, tendo muita dificuldade de estabelecer uma relação com duas ou mais pessoas ao mesmo tempo. A primeira relação é estabelecida com o desejo da mãe – “Janela do mundo” –, pois é através da figura materna que a criança consegue perceber o mundo. Essa relação é modificada a partir do momento em que o pai, ou ainda outra figura representativa, se faz presente. Nesse instante em que o menino se vê em conflito edípico, entra a internalização do pai e o desejo de ser como o pai, para ter uma mulher como a mãe, como um caminho para o devir.

No caso do personagem Bento Santiago, parece, aos olhos do leitor, que há uma identificação com o lugar do falo dela e um extremado amor pela mãe além de, implicitamente a esse sentimento, uma grande rivalidade com o pai. “Vejam como esta moça me quer”, nessa frase, de autoria do pai de Bentinho, há a revelação de que o desejo da mãe é endereçado ao pai com tamanho entusiasmo que faz com que Bentinho, nesse aprisionamento à posição de falo da mãe, sintasse menos potente em relação a outros homens. Pode-se inclusive pensar em uma falha na transmissão paterna, de identificação com alguém que tem valor fálico independentemente do seu objeto de desejo. Nesse sentido, torna-se claro o porquê da necessidade de cumprir com o desejo imposto pela mãe. Considerando a proposição lacianiana de que o Complexo de Édipo se dá em três tempos, seria possível pensarmos que Bentinho ficou aprisionado a um segundo tempo, uma vez que a identificação com o pai tornou-se problemática, a ponto de travancar o devir de sua masculinidade?

Nesse ponto do enredo surge Capitulina (Capitu) e, aos poucos, aquela admiração incondicional pela mãe é transferida à Capitu – novo objeto de desejo. Ao longo da história, Bentinho percebe: “Capitu refletia”. A reflexão não era coisa rara nela, e conheciam-se as ocasiões pelo apertado dos olhos”. Nesse trecho, vê-se o personagem preocupando-se com os pensamentos de Capitu e entendendo-a como calculista, racional e, talvez, dissimulada. Fica a ideia de que a insegurança diante de Capitu é o espelho de sua própria fragilidade, que, aliás, passa a ser o maior problema da relação.

Essa nova relação muda a vida do homem que deixa de ter a mãe como principal elemento de sua vida e passa a ter a namorada/esposa como uma substituta. Assim, Bentinho abandona o seminário, imposição materna, estabelecendo um corte com o desejo de sua mãe. Capitu ganha destaque na narrativa e passa a ser seguida pelo olhar curioso do leitor. O narrador confirma isso através do que diz “*Capitu era Capitu, isto é, uma criatura muito particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força da repetição*” (ASSIS, 1997, p. 81). E, quando menciona achar Capitu mais mulher do que ele era homem, Bentinho transfere para a relação com Capitu elementos de sua vida familiar.

Aquele pai, que não se fez presente, e aquela mãe, que, como uma dominadora, queria determinar o destino do menino, formaram um homem inseguro, ciumento e possessivo – incapaz de admitir a entrada de qualquer outro elemento que fosse em sua relação com Capitu. O ciúme, nessa nova relação, ganha destaque e se torna o eixo central do conflito, revelando então, por meio da análise do drama, que a triangulação se forma e se faz presente na fase adulta, mas com as mesmas resistências da infância, representando um processo de triangulação mal resolvido e falta de eficiência no processo de castração. Isso fica explícito na frase do personagem “*Tenho medo de perdê-la para outro homem, mas prefiro afastá-la a ter que conviver com ela*” (ASSIS, 1997), desconfiado da sua infidelidade.

É inevitável perceber que há ligação entre as ideias de Freud e o romance de Machado de Assis. Freud, pai da psicanálise, trabalhava com o texto produzido pelo discurso do paciente – que constitui a verdade singular de cada sujeito. Porém, a verdade é produzida por meio do discurso que flutua entre o analisando e o analista. E a função do psicanalista é, pela sua habilidosa escuta, pontuar, sublinhar, reescrever. Machado de Assis, ícone da Literatura, constrói sua ficção literária como a narrativa da vida da humanidade, pois, quando escreve, submete à tradição e à cultura de um tempo e, assim como um psicanalista, o leitor também pontua, sublinha e reescreve. E, no caso de Dom Casmurro, tem-se um leitor que, inevitavelmente, fica com um questionamento que não é resolvido. O leitor, bem como um psicanalista, fixa seu olhar na subjetividade. Aliás, esse “enigma” sobre o olhar dissimulado de Capitu torna o narrador frágil e inseguro, essa situação agrava sua neurose e o impossibilita de amar. Nesse sentido, os entraves do amor, tema dos autores do século XIX, seguem na contemporaneidade.

Nesse ponto, salienta-se que Freud também se ocupou de análises de gabinete, encontrando em textos literários importantes interlocutores para pensar temas como a psicose e a cultura, para citar alguns. Contudo, parece importante lembrar que, embora possível e produtivo trabalhar dessa forma, a exclusão da transferência oferece dificuldades à reflexão, o que deixa o enigma da desconfiança de Bentinho impossível de ser compreendido, mantendo-se como um interrogante.

3 DOM CASMURRO: PSICANÁLISE E AS INTERFACES CONTEMPORÂNEAS

Partindo-se para a reflexão e contando com as contribuições de Zygmunt Bauman, sociólogo e grande intelectual, que aborda em suas obras a teoria da “liquidez” - utilizando mais especificamente a obra “Amor Líquido” (2004), na qual o autor descreve as relações amorosas como frágeis, propícias a quedas, inseguras, superficiais e fugazes, e, tendo em vista que Bauman reforça a teoria de Freud (1914), de sustentação do Ego e do Narcisismo, entendendo narcisismo como conceito que define o indivíduo que admira exageradamente a sua própria imagem e nutre uma paixão excessiva por si mesmo, características próprias da grande maioria dos relacionamentos no século XXI –, veem-se as teorias da psicanálise de Sigmund Freud revigoradas por meio dessa argumentação consistente.

Nesse aspecto nasce a relação possível entre o que se observa em termos de relacionamentos amorosos na contemporaneidade e o que se observa nos retratos feitos no século XIX por Machado de Assis – retratos fictícios, mas repletos de elementos reais; afinal, Machado, em suas narrativas, demonstra a realidade da sociedade e das relações que a formaram. Inevitável é comparar o que “o pai da psicanálise – Freud” defendia sobre o amor e o que “um dos maiores intelectuais do século XXI – Bauman” observa sobre o tema. Parecem características atemporais as que reforçam a ideia de amor na atualidade.

“Dom Casmurro” é um clássico exemplo de narrativa que traz como personagem central um homem vaidoso e dominador, capaz de impor suas vontades acima de qualquer coisa; incapaz de confiar em alguém e completamente dominado pelo olhar “das outras pessoas” da sociedade – e é nesse sentido que o narcisismo se faz presente no enredo. Para o leitor, a impressão é de que o “Bentinho” gasta a vida inteira olhando-se no espelho, tentando achar-se e, conseqüentemente, perdendo-se no lago de Narciso.

É fácil observar Bentinho, em determinado momento, vendo-se dominado pelo próprio imaginário. Ele coloca Capitu em um lugar ideal e, dessa forma, “infla” seu ego. E assim, possuído pela ideia de que é inferior, num esgotamento

de si mesmo, vê a possibilidade de ser substituído por qualquer “concorrente” (no caso específico, o melhor amigo). Pode-se dizer que aquele que a princípio era o dominador, o que abandonou o seminário escolhido pela mãe para ficar com seu objeto de desejo, a partir do casamento com Capitu, passa a ser o dominado pela idealização da mulher escolhida. E, nessa posição de dominado pelo desejo, obtendo o esgotamento do eu, Bentinho demonstra-se Narciso ao avesso.

É possível mencionar, de acordo com o que está sendo citado, Freud no texto de 1921, “Psicologia das massas e análise do eu”, no ponto em que trata de Estar amando e Hipnotismo, quando define o hipnotizador como o único objeto de amor do hipnotizado, a exclusividade desse olhar apaixonado. O fato de o ego experimentar, de maneira semelhante a do sonho, tudo que o hipnotizador possa pedir ou afirmar, relembrando a necessidade de mencionar que entre as funções de ideal do ego está a tarefa de verificar a realidade das coisas.

A completa ausência de impulsos que se acham inibidos em seus objetos sexuais contribui ainda mais para a pureza extrema dos fenômenos. A relação hipnótica é a devoção ilimitada de alguém enamorado. Nesse sentido, o amor também é avaliado pela ótica da idealização, pois amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto. É como se o ego experimentasse uma realidade semelhante a do sonho; vê-se então Bentinho, personagem que possui uma relação de amor que se assemelha à hipnose.

Hipnotizado por Capitu e pelo sentimento idealizado, Bentinho progride e segue ao longo do enredo da obra machadiana possuído por seu delírio de que a traição realmente o tivesse abatido, o que acaba por esvaziar ainda mais o ego ferido; observando as fraquezas do protagonista, torna-se inevitável olhar para a personagem feminina e a entender como uma refém desse homem fraco e infeliz.

Na obra de Machado de Assis, vê-se o protagonista representado em três fases: o Bentinho, o Bento Santiago e o Dom Casmurro. Essas fases demonstram também a evolução de um personagem primeiramente dominado pela mãe, logo depois se posicionando e ocupando o lugar de dominador e por último sendo dominado pelos seus rancores, emoções e maus pensamentos.

Machado, em pleno século XIX, confirma o pensamento de Freud ao mostrar um romance em que o personagem (completamente e intensamente humano) revela-se narcísico e com uma forte ligação com a mãe, e depois com a esposa escolhida. Nota-se, ainda, o complexo de Édipo por meio de uma relação triangular vivida na narrativa: primeiramente, Bentinho, sua mãe e “seu pai”; depois Bentinho, Capitu e Escobar. Essa triangulação é a alienação dele a “ela” (pessoa dominadora e forte).

Para Freud (1905, 1914), há um investimento libidinal originário do “eu”, parte do qual é, posteriormente, transmitida a objetos, mas que, fundamentalmente, persiste. A libido objetal atinge a fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de um investimento objetal. Aqui, a partir desse conceito, pode-se pensar em co-dependência, nos casos em que realmente a pessoa desiste de si mesma em função do outro.

No texto Machadiano, Bento Santiago mostra-se como um “eu” desvalido numa posição de alteridade nos relacionamentos que estabelece, inicialmente, com a mãe, D. Glória, e, depois, com a amada Capitu. Essa desistência de si gera desespero diante do vazio constatado pela personagem que se perde em seu narcisismo. Bentinho, logo no início de sua narrativa (primeira pessoa) já coloca a falta de si mesmo como a maior de todas as lacunas.

Nesse ponto, destacamos a importância da reflexão sobre a atemporalidade nas questões inconscientes e nas relações humanas. As ideias aqui defendidas também estão respaldadas no artigo “No meu tempo não era assim” (ROCHA; TERRA; DEGANI, 2014) ou o que dizemos quando dizemos “sociedade do narcisismo”? Neste, as autoras questionam “em quais aspectos o ideal de ego na sociedade atual se diferencia do ideal de ego de épocas atrás? Teria o ideal de ego atual uma ligação mais estreita com a libido narcísica? Estariam os sujeitos contemporâneos em uma eterna busca por um ideal de ego da infância?” Dessa forma, não diferente das análises feitas atualmente, vê-se o personagem Bento Santiago, de Dom Casmurro.

A mãe do personagem apresenta-se como dominadora, capaz de definir o futuro do filho por meio de um bem, de uma satisfação pessoal, incapaz de ouvir

o filho antes de tomar uma decisão sobre a sua vida, criando, nesse menino, uma sensação de insatisfação, de muitas dúvidas e de poucas certezas, mas também de uma base insólida em que a insegurança parece predominar. Destaca-se que a contribuição para esse cenário veio também do fato de Bentinho ter perdido o pai ainda muito jovem.

Conforme Birman (2001), a psicanálise oferece uma proposta aos sujeitos: defrontarem-se com o desamparo, produzirem vida apesar da falta de um pai, já que estar à sombra de um pai implica abdicar de potencialidade e de autonomia. Buscam-se então novos formatos dessa relação por meio da horizontalidade, ou seja, através das relações fraternais, que, de alguma forma, ao longo da vida, promovem esse amparo e suprimento. E, no caso de Bentinho, é interessante observar que logo o amigo, o melhor amigo, acaba assumindo o lugar de rival. Primeiramente, uma enorme aproximação e logo a rivalidade pelo medo de o amigo tomar seu lugar.

O que Machado de Assis revela em suas histórias é facilmente observado na sociedade atual: o sofrimento narcísico é a marca da sociedade de consumo em que o excesso, a privação e a superficialidade simbolizam e caracterizam as relações que também são marcadas por fortes influências da mídia e de formatos prontos apresentados em novelas, filmes, séries e propagandas. Isso é claramente argumentado por Bauman, que reforça ainda o fator “internet” e redes sociais como um aspecto a ser levado em consideração na análise de qualquer relacionamento amoroso atual, devido à sua forte presença no cotidiano da grande maioria das pessoas.

Bentinho, protagonista da obra machadiana apresenta-se com uma devoção exagerada, em um primeiro momento, à mãe, e ela também parece querê-lo, mas, na adolescência, essa correspondência logo se desfaz, ou seja, a posição de extrema servidão à mãe é desfeita. Pode-se perceber que as falhas na metáfora paterna, que opera fragilmente, geram um importante enigma no narrador sobre sua posição potente e viril diante das mulheres, principalmente pelo fato de Bentinho relacionar-se com mulheres fortes e impositivas (mãe e Capitu); isso também pode provocar o “esvaziamento do eu” e o enfraquecimento da autoestima. O que se produz nessa situação é a necessidade de situar o objeto no lugar de um

ideal inatingível de si mesmo. Nesse caso, o eu se torna modesto e o outro grandioso, inacessível à castração. A manutenção dessa fantasia leva o protagonista de sua própria limitação a um narciso às avessas. Não raras vezes, veem-se perfis semelhantes a Bento Santiago na atualidade, pois os fatores externos aos relacionamentos parecem influenciar diretamente na autoestima das pessoas, e Bauman reforça essas ideias no século XXI quando fala sobre fragilidade e “escassez do eu” nas relações modernas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante observar que, apesar da evolução do que é externo, como as indústrias, o comércio, os meios de comunicação, a expansão das cidades, o aumento populacional, entre outros aspectos, vê-se que o humano é demasiado humano, ou seja, os sentimentos como as incertezas, a insegurança, o medo, a possessividade e os debates subjetivos diante do oculto mantêm-se. Observa-se que, em pleno século XXI, Freud e suas teorias estão presentes nas mais diversificadas análises de comportamento humano. Essas teorias e conceitos renovam-se e reforçam-se por meio de outros estudiosos, como o intelectual citado ao longo do presente texto, Zygmunt Bauman.

Ao observar o comportamento do protagonista do romance Machadiano, pensa-se em um representante típico da contemporaneidade devido às características atemporais, pois não raras vezes nos deparamos com “Bentinhos” em nossa atualidade, muitas vezes seguros de si e capazes de decidir seu próprio destino, muitas vezes alienados a alguém (à mãe, ao pai, a uma possível “Capitu”) em uma posição de servidão, sem representatividade, sem autonomia e com pouco poder de si mesmo: um ser ambivalente – ora narcisista, ora narciso ao avesso – sem autonomia. E, em analogia ao olhar dissimulado de Capitu, pensa-se na ideia da “cegueira do amor” que se produz em Bentinho. Sua devoção a “Ela” para doar-se em nome da realização de um ideal narcísico encurralado no sujeito e projetado sobre o seu objeto de amor. “Ela”, com inicial maiúscula, justifica-se como explicação da posição de outro que o objeto de amor adquire no tipo de relação examinada neste artigo.

A fascinação que muitas vezes impede o devir das relações amorosas parece ser tema de todos os tempos. Com Platão em *O Banquete*, descobrimos que o amor é paradoxal, pois oscila entre a sabedoria e a tolice, aumentando as neuroses. As pessoas não são completamente sozinhas e tampouco completamente acompanhadas.

Levando em consideração que “o olhar do outro é o primeiro espelho do eu”, é possível pensar no olhar dissimulado de Capitu como análogo ao que de dissimulado havia no olhar da mãe de Bentinho. Não é impossível visualizar também a sensualidade e o encantamento que esse “olhar dissimulado e misterioso” traz ou provoca em Bentinho. As personagens femininas que marcam o enredo como protagonistas - não da história em si, mas da vida de Bento Santiago - passam a representar o lugar do “Outro”, não barrado pela castração. Dessa forma, o protagonista da obra de Machado de Assis deixa-se conduzir, e o final triste de Dom Casmurro é o reflexo de uma vida de pouco controle emocional e de decisões precipitadas diante de uma neurose que o impediu de visualizar com clareza a realidade e trouxe para ele conflitos psíquicos que o impediram de aproveitar a vida de forma prazerosa, emocionalmente estável e feliz.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Publifolha; Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.(Biblioteca folha, 20).

_____. **Dom Casmurro**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FLAUBERT, G. **Madame Bovary: costumes de província**. São Paulo: Penguin, 2011.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria**

(“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, 6).

_____. (1914). Introdução ao narcisismo. In: _____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

_____. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: _____. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 15).

PLATÃO. **O Banquete**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1996.

ROCHA, B.; TERRA, C.; DEGANI, R. “No meu tempo não era assim” ou o que dizemos quando dizemos sociedade do narcisismo?. In: CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE PORTO ALEGRE. (Orgs). **Para uma introdução ao narcisismo: reflexo e reflexões**. Porto Alegre: CEPdePA, 2014, p. 206-219.

Literature and Psychoanalysis: consequences of love in Dom Casmurro

Abstract:

This paper deals with the interfaces of love based on the book *Dom Casmurro*, by Machado de Assis. This text has Bento Santiago as the main focus, the patient; the leading figure in the narrative of Machado de Assis being analysed under the psychoanalytic perspective. From the relationship with his mother to the possessive and controlling love that he lived for *Capitu*.

Keywords: Literature. Psychoanalysis. Oedipus. Love.